
JORNALISTA COMO PERSONAGEM DE CINEMA

Isabel Travancas

UFRJ e Estácio de Sá

Resumo

Objetivo deste artigo é discutir em que medida o cinema constrói estereótipos do jornalista, ora apresentando-o nas telas como bandido, ora como herói. Para isso, discute-se o lugar do jornalista na sociedade contemporânea como profissional paradigmático da modernidade e de um estilo de vida característico das grandes cidades com concentração e diversificação de indivíduos, estímulos, atividades e modos de vida. O jornalista é um profissional privilegiado pelas produções cinematográficas, sendo protagonista de inúmeros filmes, principalmente norte-americanos. Neste trabalho são analisados três tipos diferentes de abordagem do jornalista. Os filmes selecionados são: **No silêncio da cidade**, de Fritz Lang, 1956; **A montanha dos sete abutres**, de Billy Wilder, 1951 e **Todos os homens do Presidente**, Alan Pakula, 1976.

Palavras-chave: jornalista, cinema, estereótipo.

A indústria cultural e particularmente o cinema são um campo privilegiado de produções simbólicas e mitos modernos. A chamada “Sétima Arte” tem lugar de destaque na modernidade. O século XX e o cinema nasceram quase juntos e, sem dúvida, o segundo registrou e expressou com cores, som e imagem muito do que se viveu e pensou nestes cem anos. O cinema com seu enorme poder de penetração nos mais diversos grupos sociais ajudou a construir mitos, a divulgar saberes novos, como a psicanálise e a popularizar atividades e profissionais, como foi o caso da imprensa e dos jornalistas. A linguagem cinematográfica transmitiu o impacto das transformações sofridas neste século. O clássico **Tempos Modernos** de Charles Chaplin apresenta com ironia os novos tempos, mais rápidos, mais urbanos, mais tecnológicos.

E o jornalista foi e continua sendo protagonista e tema de diversas películas ao longo da história do cinema. É possível afirmar que o cinema colaborou com a construção de uma imagem,

ou melhor, de algumas imagens do jornalista; representações que certamente influenciaram na escolha profissional de futuros repórteres. Quantas carreiras jornalísticas não devem ter nascido no “escurinho” de uma sala de cinema? Mas qual jornalista o cinema privilegiou em suas produções? Herói e bandido estiveram presentes em diferentes filmes e períodos. O vilão é representado pelo profissional que não mede esforços para conseguir seus objetivos e dar um “furo” de reportagem. Sem caráter e trafegando pelo submundos do crime, ele não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos. O herói identifica-se com os valores do mundo público e defende a verdade, a democracia, o bem comum. Nesse sentido pode-se dizer que o jornalista surge como o herói urbano do século XX. Não é à toa que Clark Kent, o Superhomem - é jornalista. E o herói do nosso tempo também é criado pelo cinema. Entendo aqui herói nos termos que Helal(1998:138) utiliza para discutir este papel na atualidade. Herói como *“quem conseguiu, lutando, ultrapassar os limites possíveis das condições históricas e pessoais de uma forma extraordinária, contendo esta façanha uma necessária dose de ‘redenção’ e ‘glória’ de um povo. Mas, para que sua trajetória heróica alcance este status, é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as façanhas do herói afirmam.”* Todos os grupos sociais de alguma forma fabricam seus heróis. Em nossas sociedades modernas a indústria cultural é um lugar de destaque nesta “fabricação”.

O jornalista é antes de tudo um habitante da cidade. O mundo urbano tem características e particularidades que combinam e se misturam no jornalismo. Quando Simmel(1979) cita como características dos indivíduos da cidade superficialidade, anonimato, relações transitórias, sofisticação e racionalidade, é difícil não associá-las ao jornalista. Não que elas sejam exclusivas desta carreira, mas nela se expressam com intensidade. E por isso é possível estabelecer uma relação tão íntima entre este profissional e a cidade como é mostrado nos filmes escolhidos. A cidade, mais intensamente a metrópole, como afirma Simmel, determina um novo modo de vida, novas relações sociais e ampliação das ocupações resultantes do desenvolvimento técnico associado ao transporte e à comunicação. Esta se modifica intensamente. Não há apenas novos e diferentes meios de comunicação, mas um processo que ocorre também, agora, a partir de meios indiretos. Com o telefone, o jornal, a televisão e mais recentemente a internet o contato pessoal ficou mais restrito.

A vida urbana não se define apenas pela grande concentração populacional e variedade de atividades econômicas, mas pela complexidade e liberdade de circulação que possibilita assim

como pela intensidade com que o tempo é vivido. A base da imprensa moderna é a notícia, produto comercializado no jornal-empresa e elaborado por profissional assalariado. E se a notícia possui inúmeras definições diferentes, ela está sempre associada ao tempo e à questão do novo, da novidade. E é o tempo que transforma o novo em velho. Atrás e contra este tempo que passa mais rápido na cidade, corre o jornalista.

O relógio, como salienta Simmel, é um dos símbolos da ordem social no mundo urbano. Em inúmeros filmes sobre jornais e jornalistas ele é focalizado, seja o grande mostrador da redação ou o do pulso do repórter. Não há jornalista sem estreita relação com o tempo. Relação esta que, como destaquei em minha dissertação(1983), influi na adesão deste profissional com o seu trabalho, dividindo sua vida em tempo do trabalho e do não-trabalho e gerando uma visão de mundo e um estilo de vida particulares.

E se a cidade é o espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e “tribos” diferentes, o jornalista vivencia com mais intensidade este fato em seu cotidiano. Transitar por distintas esferas da metrópole, desvendando territórios heterogêneos e construindo um mapa, para muitos habitantes desconhecido, é uma das funções do repórter - figura paradigmática do jornalismo – que, com as suas tarefas de apuração dos fatos e redação da notícia, se torna uma espécie de cidadão do mundo. O jornalista atravessa fronteiras e tem acesso livre à quase todos os lugares. Dos meios oficiais aos marginais e perigosos. Essa convivência e proximidade com inúmeros segmentos da sociedade num alto grau de heterogeneidade gera no repórter um certo “ar blasé” diante da vida do qual fala Simmel ao descrever o indivíduo da cidade. Recebendo uma grande quantidade de estímulos, entrando em contato com diferentes realidades e diferentes pessoas a cada dia, o jornalista precisa se proteger desse excesso de estímulos produzidos pela metrópole e pela sua experiência profissional. Não é à toa que o ele é confundido pelo público com a notícia ele cobre e as regiões que frequenta. Ao ser responsável pela cobertura de polícia, um repórter precisará estabelecer relações com os habitantes deste mundo e terá seu nome fatalmente associado ao crime e à violência. Da mesma maneira o jornalista que trabalha na chamada “imprensa marron”, tipo específico de jornalismo baseado no sensacionalismo, que age sem ética e se utiliza de chantagem e corrupção para atingir seus fins, possui uma determinada imagem junto ao leitor. O filme **A Montanha dos Sete Abutres** ilustra bem este tipo de jornalista, inescrupuloso, cujo objetivo principal é sair do anonimato.

E se o mundo urbano é o local privilegiado do anonimato em oposição ao campo ou à cidade pequena, para o jornalista esta vivência se torna marcante para a obtenção de sucesso e status. O jornalista está atrás de um “furo” que nada mais é do que a possibilidade de diferenciação dentro da profissão, de individualização, de conquista de notoriedade e, portanto, de escape do anonimato, o que significará ter seu nome impresso na primeira página do jornal e ser reconhecido pelos colegas e pela sociedade. Esta situação está presente nos três filmes selecionados. Para muitos jornalistas a carreira possibilitará uma ascensão social e obtenção de prestígio.

Em muitos casos a noção de prestígio está associada à idéia de que o jornalista é o homem público nos termos de Sennett(1988). Aquele que está preocupado com o funcionamento da sociedade e com o bem comum, em oposição ao indivíduo moderno centrado em suas relações pessoais e intimidade. Neste aspecto o filme **Todos os homens do presidente** é exemplar para ilustrar esta idéia do jornalista como cidadão atuante e transformador da realidade. Os dois repórteres – Carl Bernstein e Bob Woodward – se colocaram não apenas à serviço do **Washington Post**, mas da sociedade e em última instância da democracia norte-americana. Eles se tornaram heróis. O filme salienta o empenho e a dedicação dos jornalistas em obter as informações e levar a apuração até o fim. Naturalmente com o apoio da direção do jornal. Não quero afirmar que os dois foram ou são heróis, mas chamar a atenção para as representações mais freqüentes dos jornalistas no cinema, que oscilam entre o herói e o bandido. De um lado o jornalista é o responsável por todo o bem, de outro por todo o mal. Quero destacar a imagem ambígua e contraditória deste profissional. Ele fascina e atrai, mas também é repudiado e desprezado por ser ameaçador, como demonstram algumas produções cinematográficas.

O jornalista na cidade

No filme **No silêncio da cidade** do cineasta austríaco Fritz Lang a importância do mundo urbano está presente desde o título em português ou em inglês **While the City sleeps**. O enredo trata da disputa pelo poder dentro do jornal **Sentinela de Nova York**, cujo proprietário acaba de falecer. O herdeiro do jornal coloca como missão para desvendar uma série de assassinatos que vem acontecendo na cidade praticados por um criminoso denominado pela imprensa “o assassino do batom vermelho”, pelo fato de matar jovens mulheres. Os quatro concorrentes são: Mark

Loving, diretor da agência de notícias; Kyne Griffith, redator chefe; Harry Kritzer, chefe do departamento de fotografia e Edward Mobley, o editorialista. Mobley, um jornalista sem grandes ambições, se esquia inicialmente da competição, mas sua noiva pede a ele que ajude Loving, que lhe parece o mais honesto dos participantes. O filme narra o desenrolar da disputa, o envolvimento cada vez maior de Mobley - que chega a criar uma armadilha para o assassino usando sua noiva como isca-, até a descoberta e captura do criminoso e a entrega do cargo de redator-chefe do **Sentinela** a Mobley como prêmio.

Há vários pontos importantes nesse que é um dos últimos filmes de Lang feito nos Estados Unidos. Ele pode ser considerado um verdadeiro filme *noir* e não apenas pelo jogo de claro-escuro, pela luminosidade característica de filmes deste tipo. Um dos aspectos importantes que o tornam um filme *noir* é o destaque dado aos acontecimentos noturnos e à vida da cidade à noite. É a redação funcionando de noite, são os bares e clubes, os crimes que acontecem e as delegacias de polícia que os jornalistas freqüentam, mais especialmente Mobley que tem estreitas relações com policiais e delegados. Aliás, esta é uma questão chave na história. Ainda que o diretor não apresente seus personagens de maneira maniqueísta e rígida, Mobley - o protagonista da narrativa - aparece com fraquezas e defeitos, como um anti-herói. É este jornalista quem vai, mais do que cobrir os acontecimentos interferir neles, provocando o bandido e sugerindo estratégias para a própria polícia. Vemos aí como os interesses pessoais do jornalista que envolvem a descoberta do criminoso estão associados aos interesses maiores da própria sociedade como o fim dos assassinatos que vem chamando a atenção do público e recebendo destaque nos jornais. O assassinato sai do domínio exclusivo da esfera policial e entra na esfera jornalística. É o repórter interferindo na realidade, transformando-a e não com a sua cobertura, mas com a sua influência direta. O mesmo acontece em **A montanha dos sete abutres**, quando o jornalista Charles Tatum assume o comando do resgate do homem soterrado apenas com o intuito de obter um grande “furo” jornalístico e sair o ostracismo em que se encontrava.

Não é por acaso que o prêmio do jornal será dado ao jornalista que descobrir o autor dos misteriosos assassinatos. É o personagem do jornalista sendo construído intimamente ligado ao papel e a função do policial, do investigador, associação freqüente na representação do jornalista no cinema, presente também em **Todos os homens do presidente**. Bernstein e Woodward assumem o papel de investigadores de um caso dado como encerrado pela polícia em função dos dados que possuíam e do “furo” jornalístico. É o cinema enfatizando que esta é também a missão

do jornalista, principalmente se os motivos da busca não são a vaidade pessoal e a obtenção de sucesso, fama e dinheiro, mas ajudar a sociedade na solução de seus problemas. O que, se analisarmos com atenção, é extremamente discutível, uma vez que não é dada esta autorização ao jornalista. Ele não pode representar a lei ou se colocar acima dela quando a justiça ou a polícia não se mostram capazes. Esta imagem do jornalista-investigador ou detetive é uma matriz da idéia emblemática da imprensa como **quarto poder**. A imprensa ocupa este lugar de Quarta instituição nas sociedades modernas, posterior ao poder Legislativo, Judiciário e Executivo, atuando com uma força e importância enormes. E tem a aprovação do público, como vem sendo demonstrado nas inúmeras pesquisas de opinião no Brasil. Este público já demonstrou, em diversas situações, que a imprensa tem mais credibilidade que os três poderes.

Alguns aspectos presentes em **No silêncio da cidade** formam a imagem do jornalista no cinema. O cigarro e a bebida são marcas constantes no dia-a-dia deste profissional. O cigarro compõe um personagem intensamente identificado com seu trabalho e com o estresse que lhe é característico. O bar e a bebida compõem o cenário de relaxamento e sociabilidade. Neste filme e também em **A montanha dos sete abutres** a bebida aparece de forma crítica. Mobley fica embriagado e se deixar levar pela sedutora Mildred, personificando o jornalista como um “fraco”, sem autocontrole. Curiosamente em minha pesquisa sobre jornalistas,(1993) notei em primeiro lugar a ênfase dada por grande parte dos entrevistados ao “sonho” de possuir um bar, e de outro lado, a questão do alcoolismo como uma das doenças mais frequentes entre estes profissionais.

O envolvimento com a profissão, que denominei de adesão, também aparece com realce no filme - desde o empenho extremo de cada um dos concorrentes em não aceitar limites para conquista do cargo até falas como a de Mobley: “*Dia de folga me mata*” Tudo isto só reforça a idéia do jornalista como um profissional em tempo integral, o que vai gerar também dificuldades no seu relacionamento afetivo. A noiva de Mobley, Nancy, se queixa da sua pouca atenção e do seu envolvimento excessivo com o jornal e com as notícias, o que o faz adiar sempre o desejado casamento. Não é á toa que o filme termina com os dois em lua de mel e o telefone tocando do jornal para informar a Mobley que ele foi o vencedor da competição e será o redator chefe do **Sentinel**. É o contrário o que ocorre em **A primeira página**, de Billy Wilder realizado em 1974. Neste filme, o repórter vivido pelo ator Jack Lemon, desiste do casamento por causa de uma reportagem.

O anonimato do jornalista

O contraste da metrópole com a cidade pequena é um dos temas abordados no filme de Billy Wilder. **A Montanha dos sete abutres** conta a trajetória do jornalista Charles Tatum a partir do momento em que chega à cidade de Albuquerque em busca de um emprego. É contratado pelo pequeno jornal local e sofre com a lentidão da cidade e do próprio jornal. Acompanhado de um “foca” parte para fazer uma reportagem fora da cidade, quando no caminho descobre que um homem está soterrado na montanha dos Sete Abutres. Tatum decide transformar aquele fato em um acontecimento de grandes proporções midiáticas, com o objetivo de reconquistar o lugar que havia perdido na grande imprensa devido a sua desmedida ambição. Ele comanda as operações de resgate, estabelecidas a partir de critérios políticos e pessoais, com pouca preocupação com o efetivo salvamento de Leo Mimosa. O desenrolar do processo toma outros rumos e Mimosa morre antes do resgate, o que prejudica os planos de Tatum, que acaba também tendo um desfecho trágico.

Penso que esta obra é um marco na história dos filmes sobre jornalista e imprensa; e isto por motivos que vão além da qualidade que caracteriza os filmes dirigidos por Billy Wilder. Na realidade, esta é a primeira de inúmeras produções cinematográficas que criticaram contundentemente o papel e o poder da mídia nas sociedades contemporâneas. Wilder não poupou o jornalista e sua sede de sucesso. O repórter que ele constrói é um indivíduo extremamente ambicioso, sem caráter e sem limites, cuja única preocupação é o furo jornalístico.

A montanha dos sete abutres expressa a visão crítica de Billy Wilder da sociedade americana e dos meios de comunicação. Penso que a perspectiva de Wilder neste filme em muito se assemelha à idéia de Adorno e Horkheimer(1991) da indústria cultural como uma indústria da diversão cuja ideologia é o lucro. Quando o filme exhibe o “circo” criado em torno da montanha, formado por visitantes dos mais diversas regiões do Estados Unidos que vieram “participar” e se divertir com o salvamento de Leo Mimosa, assim como quando Charles Tatum decide que o resgate do mineiro será feito com uma broca, o que levará mais tempo e permitirá aos envolvidos – ele, o xerife e a esposa de Leo – lucrarem mais, é inevitável a associação com os dois autores. Adorno e Horkheimer não acreditam em saída para a indústria cultural. Os jornais visam o lucro e os jornalistas buscam o furo e a notoriedade. E quanto a isso não farão concessões. Por outro

lado, o filme faz uma crítica à sociedade consumidora destes produtos, destas notícias sensacionalistas redigidas com o único objetivo de vender jornal. O diretor intensifica seu ponto de vista nos diálogos e no desenrolar da trama, onde tudo é exagerado. O repórter interpretado por Kirk Douglas, um jornalista inteiramente obcecado pela profissão, não tem seus defeitos amenizados pelo filme, assim como a esposa e o xerife. No seu lançamento o filme foi duramente criticado ou ignorado pela imprensa da época. Outro filme, bem mais recente, 1975, que explora com intensidade este lado cruel do jornalista e da mídia é **A honra perdida de Katharina Blum** de Volker Schlöndorff e Margarethe von Trotta, Nesta história a protagonista depois de acusada pela imprensa de ser cúmplice de um perigoso anarquista é abandonada por todos. Desesperada ela mata o repórter responsável pela sua desgraça e termina a história presa.

Um aspecto interessante revelado pelo filme é a conceituação de notícia. Ao lado da conhecida expressão “*Good news is no news*”, Tatum afirma que toda notícia para ser atraente, precisa ter interesse humano, e é isso que ele busca criar com o soterramento. Durante os dias em que Leo Mimosa esteve soterrado as notícias sobre ele foram mercadorias em alta com um público imenso interessado nelas. E Tatum sabe, mais do que noticiar, fabricar a notícia, embora afirme “*Eu não faço as coisas acontecerem, só escrevo*”. Não é o que vemos na tela. Ele transforma o espaço real – a Montanha dos Sete Abutres – num espaço simbólico.

Este parece ser um diferencial importante em relação aos outros dois filmes. Em **No silêncio da cidade** ainda que Mobley interfira no acontecimento – a série de assassinatos - sua influência é moderada e extremamente positiva em relação ao desfecho do enredo. O mesmo acontece em **Todos os homens do presidente**. O fato inicial que deslança toda a história - a invasão do prédio do Watergate -, se desdobra e toma vulto graças aos dois repórteres do **Washington Post**. Eles apuraram os fatos com afincos durante meses, estabelecendo relações entre informações e acontecimentos, mas afinal não provocaram estes acontecimentos. A renúncia do Presidente Nixon é uma consequência, sem dúvida, da atuação dos jornalistas, mas uma consequência da cobertura que estes fizeram dos fatos. Eles não a provocaram diretamente. É como se os fatos estivessem lá o tempo todo esperando para ser desvendados, revelados, o que acabou acontecendo. Há uma diferença básica entre isto e o que ocorreu em **A montanha dos sete abutres**. Tatum não enterrou Leo Mimosa, mas tomou a frente dos acontecimentos e adiou ao máximo seu salvamento, provocando sua morte. Ele transformou aquele povoado no meio do deserto e um “parque de diversões”, comandando ele próprio o espetáculo.

Entretanto, se por um lado o filme não mostra nuances na construção deste jornalista que de herói não tem nada, ele monta um desfecho para a história em que o exagero e a ambição do repórter se voltam contra ele. Tatum não consegue controlar a situação como imaginava e Leo morre antes de ser retirado da montanha, o que não era produtivo para sua carreira; ele é ferido pela esposa do mineiro e incapaz de administrar esta corrente de fatos termina por afirmar que Leo não morreu, mas foi assassinado. Finalmente se não foi condescendente com os personagens da história que construiu, o jornalista também não o foi consigo mesmo, se deixando morrer no final do filme.

O poder do jornalista

Todos os homens do presidente tornou-se uma referência entre os filmes sobre a imprensa; mais pelo tema certamente e pelo fato de retratar uma história verídica do que por algum mérito especial de seu realizador. O filme traça passo a passo a cobertura do caso Watergate pelos dois repórteres do jornal democrata da capital norte-americana. Esta obra mais do que as outras duas enfatiza a rotina da redação, exhibe as reuniões de pauta, as discussões entre repórteres e editores, e os relacionamentos do jornalista com as suas fontes. Em suma tenta descrever o processo de produção e redação da notícia. E no caso, de uma notícia, de uma reportagem bastante especial, já que levou à renúncia o presidente do Estados Unidos - uma reportagem emblemática do papel e da força da imprensa na sociedade moderna. Distintamente do filme de Wilder, que também chama a atenção para o poder dos meios de comunicação, mas que avança em uma perspectiva diametralmente oposta, o filme de Alan Pakula, baseado no livro dos dois jornalistas, constrói a trajetória dos repórteres heróicos. Eles não mediram esforços, não desistiram diante de qualquer dificuldade, fossem estas o descrédito dos próprios colegas em vários momentos, ou os riscos e perigos bem mais graves que surgiram à sua frente. Deixaram suas vidas pessoais de lado para se dedicarem intensamente ao caso Watergate.

Este envolvimento do jornalista com a profissão, como destaque na minha pesquisa(1993), é um dado bastante explorado neste filme e em vários outros, como **Herói por acidente**, **Rede de Intrigas**, **O jornal**, **A primeira página**, **Bastidores da notícia**, entre outros. Em **Herói por acidente** a repórter, interpretada pela atriz Geena Davis, mesmo com a perna quebrada em um acidente de avião e entrando em uma ambulância, grita que aquela reportagem era sua. Nos

mesmos moldes, o repórter de **A primeira página** tenta a todo custo mudar de profissão, mas não resiste e permanece no jornal. Já a editora de televisão vivida por Faye Dunaway em **Rede de Intrigas** mesmo em um encontro amoroso só fala sobre o trabalho. Estas imagens se adequam perfeitamente aos depoimentos dos jornalistas que entrevistei. Estes se disseram “viciados” em jornalismo, como se o trabalho fosse uma “cachaça”. Não conseguiam se imaginar trabalhando em outro ramo.

Esta característica, presente nos filmes e depoimentos, é um elemento fundamental na construção desses personagens como heróis, se entendermos o herói como aquele que tem capacidade de influenciar o rumo dos acontecimentos da história. Foi exatamente esse envolvimento exagerado, essa dedicação sem limites, essa adesão à profissão que possibilitou a descoberta do envolvimento do presidente dos Estados Unidos no caso Watergate e em sua conseqüente renúncia ao cargo.

Neste sentido, o poder associado ao jornalista é outro fator de grande importância. Se o filme destaca todo o processo de apuração dos dados, de checagem das informações com vários entrevistados, de pesquisa em bibliotecas, ele também mostra a insegurança e a resistência das pessoas em falar para a imprensa, para dois jornalistas; o medo da repercussão e das conseqüências deste ato. Por outro lado, **Todos os homens do presidente** não enfatiza a arrogância dos jornalistas ou mesmo o seu poder de influência, presente em outros filmes.

O filme tem uma narrativa em clima de suspense acentuando a idéia de investigação também presente em **No silêncio da cidade**, onde o espectador “torce” pelos jornalistas e teme por suas vidas. Mas pode acompanhar o quanto a história destes dois jornalistas está estreitamente ligada à vida da cidade, do país, do mundo em que vivem. Fato que não é exclusividade dos repórteres que cobrem o Watergate, nem dos jornalistas do cinema. Vida e trabalho se misturam e se confundem com tal intensidade, na tela ou na realidade que elas formam como uma coisa só.

CONCLUSÃO

A análise destes três filmes dirigidos por diferentes diretores em diferentes épocas, tendo o jornalista como personagem central de suas histórias, me permitiu chegar a algumas conclusões. O cinema privilegiou e continua privilegiando a imprensa e sua figura mais

paradigmática – o repórter – como tema de seus filmes. Nos anos 80 e 90 foram produzidos muitos filmes sobre este assunto, particularmente no cinema norte-americano. O Brasil não foi exceção, ainda que sua produção cinematográfica tenha sido restrita. **Doces Poderes**, 1996, de Lúcia Murat discute o papel da imprensa no desenrolar de uma eleição presidencial.

Penso que o jornalista com seu dia-a-dia agitado, seu envolvimento com fatos diversos e sua possibilidade de interferência na realidade continuam fascinando os realizadores. Se fosse possível fazer uma análise quantitativa com as profissões mais presentes no cinema, perceberíamos que os jornalistas e mais recentemente os advogados são os preferidos. A sétima arte continua precisando de heróis para contar suas histórias e atrair o público e o jornalista ocupou com intensidade este papel. Esta construção do herói está muito ligada à relação do jornalista com a profissão. Herói é também aquele que esquece de si, das suas necessidades pessoais, de seus problemas particulares em função de uma causa maior, nobre. O jornalista, mostrado nos três filmes, ainda que em alguns não como herói, é aquele profissional de dedicação integral ao trabalho e à notícia. Com caráter ou não, com fins escusos ou não, nos três vemos a apuração da notícia acima de tudo.

Esta profissão exige de quem a escolhe um envolvimento e uma dedicação particulares e pelo fato de significar bem mais do que uma atividade ou emprego na vida de seus profissionais, ela gera um *estilo de vida* e uma *visão de mundo* específicos.

Cada um dos três protagonistas apresenta um *estilo de vida* totalmente impregnado pela profissão. Eles têm suas rotinas determinadas pelo trabalho, seus hábitos de consumo de bebida e cigarro associados à tensão da profissão, suas relações afetivas profundamente afetadas pela carreira, seu tempo completamente controlado pelo jornal. Ainda que sejam fruto de sociedades modernas e individualistas, não aparecem como donos do seu tempo, mas subordinados à engrenagem da redação e da notícia, trabalhando de dia e de noite, na intensidade do fato.

Quanto à *visão de mundo* específica dos jornalistas, creio que os profissionais de **No silêncio da cidade**, **A montanha dos Sete Abutres** e **Todos os homens do presidente** explicitam esta particularidade. Pierre Bourdieu(1997) afirma que “*os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem as coisas*”. Seguindo nesta direção, poderia dizer que os três personagens “usam” estes óculos na medida em que se relacionam com os fatos e com o mundo a partir da idéia de notícia. Mobley está preocupado com a captura do assassino dentro da lógica jornalística e da influência da imprensa nesta captura; Tatum não consegue olhar para Leo

Mimosa como uma vítima de um acidente, mas como o elemento-chave para a construção de uma grande reportagem e Bernstein e Woodward estabelecem uma relação com os fatos e as fontes do caso Watergate como possibilidade de descoberta de informações ocultas e interferência no desenrolar da história. Nos três casos apurar a notícia, transformá-la em realidade através das matérias é a possibilidade de estar no mundo, de ganhar visibilidade.

Para terminar, saliento que a carreira de jornalista continua em “alta” no mercado das profissões, principalmente no Brasil. A relação candidato-vaga nas faculdades de comunicação só comprovam esta procura. Os jovens universitários confirmam, com suas escolhas, que o jornalismo é para eles a maneira possível de estar no mundo, fugindo do anonimato e do individualismo da modernidade. O cinema ao glamourizar esta ocupação reforça a idéia do jornalista no coração da notícia e com capacidade de interferir na realidade e, em muitos casos, modificá-la. Ainda que muitas vezes por acidente. Herói por acidente.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. RJ, Jorge Zahar, 1991.
- BECKER, Howard. “*Notes on the concept of commitment*”. IN: BECKER, H. **Sociological Work**. Chicago, Northwestern University, 1970.
- BERNSTEIN, C & WOODWARD, B. **Todos os homens do presidente**. RJ, Francisco Alves, 1978.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. RJ, Zahar, 1997.
- DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. SP, Companhia das Letras, 1990.
- FERREIRA, Manuel Cintra. “*O jornalista como personagem*” IN: **Jornalismo e cinema**. Expresso/Cinemateca Portuguesa, Lisboa, 1993.
- HELAL, R. “*Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia*”. IN: ROCHA, E.(org) **Cultura e imaginário**. RJ, Mauad, 1998
- HUGHES, E. “*Ciclos, carreiras e momentos críticos*” IN: FIGUEIRA, S. A. **Psicanálise e ciências sociais**. RJ, Francisco Alves, 1980.
- MALCOLM, J. **O jornalista e o assassino**. SP, Companhia das Letras, 1990.
- SENRA, S. **O último jornalista**. SP, Estação Liberdade, 1997.

- SENNETT, R. **O declínio do homem público**. SP, Companhia das Letras, 1988.
- SIMMEL, G. “*A metrópole e a vida mental*” IN: VELHO, Otavio(org). **O fenômeno urbano**. RJ, Zahar, 1979.
- TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. SP, Summus Editorial, 1993.
- VIEIRA, G. **Complexo de Clark Kent. São super-homens os jornalistas?** SP, Summus Editorial, 1991.
- WAINER, S. **Minha razão de viver**. RJ, Record, 1988.
- WALLRAFF, G. **Fábrica de mentiras**. SP, Globo, 1982.
- WAUGH, E. **Furo! Uma história de jornalistas**. SP, Companhia das Letras, 1989.
- WIRTH, L. “*O urbanismo como modo de vida*” IN: VELHO, Otavio(org) **O fenômeno urbano**. RJ, Zahar, 1979.